

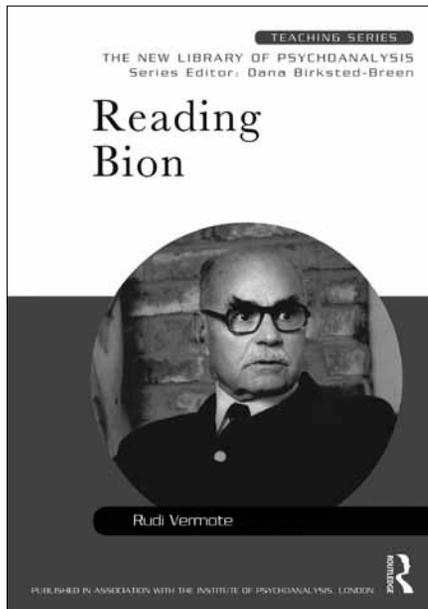
RECENSÃO

READING BION

Rui Aragão Oliveira¹

FICHA TÉCNICA

Título
Reading Bion
 Autor
Rudi Vermote
 Edição
Routledge, 2019



Rudi Vermote é hoje um dos mais reconhecidos psicanalistas, e habituou-nos à originalidade do seu pensamento, no que em particular diz respeito à expansão de algumas conceptualizações metapsicológicas propostas por Bion.

Para compreender todo o seu alcance, é necessário possuir já um conhecimento aprofundado do evoluir da obra de Bion. Porém, é igualmente indispensável uma visão atualizada que integre os muitos desenvolvimentos da ciência psicanalítica nas recentes décadas. Podemos dizer que este será então um livro para o Psicanalista Contemporâneo.

Reading Bion (2019) revelou-se um dos mais fascinantes livros em que se abordam os contributos de Bion — e escuso de recordar que hoje há uma imensidão de propostas acerca da obra e da vida deste autor maior da psicanálise! Rudi Vermote organizou-o de forma muito personalizada. Diria que não é meramente um livro sobre a teoria de Bion. É um livro sobre a Mente do próprio Bion, sobre o que é possível perceber do que estaria a suceder dentro de si mesmo para lhe ter permitido elaborar uma nova conceção da estrutura do Mundo mental e do seu desenvolvimento.

O título sugere um livro essencialmente didático, mas penso que na realidade tem um alcance mais profundo: Será talvez «imaginar Bion a Pensar»?

Neste trabalho, o autor deixa-nos perceber igualmente a presença de algumas invariantes no pensamento de Bion: a constante indagação, permitindo a perplexidade do confronto com o desconhecido, o suportar de forma ímpar o mal-estar de não compreender. Apresenta-nos as evoluções que Bion foi concebendo sobre Psicanálise, a teoria psicanalítica, e as grandes consequências técnicas que têm influenciado os últimos quarenta anos da prática clínica em todo o Mundo.

Na introdução, somos de imediato confrontados com o cuidado em sugerir ao leitor a forma como este livro deverá ser lido, remetendo para um estudo aprofundado e rigoroso do autor, da sua vida e da criação de toda a sua obra científica e literária.

Rudi Vermote organiza a escrita de Bion através da *Caesura*, servindo-se deste conceito para delimitar as duas fundamentais partes desta obra, que nos remetem para as duas grandes inovações metapsicológicas de Bion: a «Teoria do Pensamento» e a «Teoria das Transformações». Antes da *Caesura* (parte I), reúne textos e reflexões que permitiram Bion aprofundar as «Transformações em conhecimento» para, na parte II, depois da *Caesura*, se debruçar essencialmente na ainda hoje polémica «Transformações em O».

As influências, diferenciações e ligações aos contributos de Freud, Klein, Winnicott ou Lacan, ou mesmo às relações com acontecimentos de vida de Bion, à sua formação médica e psicanalítica ou à presença de fundamentos filosóficos, são aqui apresentadas de forma cuidadosa e contextualizada, dando uma visão humana e compreensiva que somente um profundo estudioso do assunto poderia alcançar.

Para «antes da *Caesura*», Rudi reúne alguns dos trabalhos mais conhecidos e estudados de um Bion mais «matemático» e calculista: experiências com grupos, os artigos sobre a psicose, ou alguns dos seus livros iniciais, como «aprender com a experiência», «elementos de psicanálise» e «transformações». Todos merecem um capítulo dedicado, sempre integrando acontecimentos de vida, conceitos e seus desenvolvimentos atuais, indo muito além de uma mera síntese didática. Refere mesmo algumas testemunhas interessantes, como,

¹ Presidente da Comissão de Ensino e Psicanalista Titular com funções didáticas da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. E-mail: raragao20@gmail.com

por exemplo, a influência mútua, no desbloquear da inspiração e criatividade do paciente e provavelmente também do terapeuta, decorrente do acompanhamento psicoterapêutico do Nobel dramaturgo irlandês Samuel Beckett.

É interessante perceber como o trabalho com a psicose permitiu a Bion conceber que o pensamento nestas circunstâncias tem lacunas representacionais. Daí ter centrado a sua investigação da «teoria do pensamento» na compreensão do crescimento psíquico e suas perturbações e no processo de transformação interna. Consequentemente, foi sugerindo diferentes conceptualizações sobre o inconsciente e a comunicação intersíquica e intrapsíquica.

Decorre então que num determinado plano um mesmo objeto pode assumir diferentes formas: algumas serão conscientes, mas finitas, e outras, inconscientes e infinitas em potencial — por exemplo, usando uma metáfora ilustrativa: H₂O é a molécula da água, tal como a identificamos quimicamente. Habitualmente, associamos água à sua apresentação no estado líquido, mas a composição química é invariante no estado sólido ou gasoso, quando as condições se alteram. Sem o conhecimento científico de análise microscópica, através da simples observação sensorial, dificilmente diríamos que gelo, água e vapor seriam a mesma coisa. Comparativamente, para Bion, a conceção a nível inconsciente é aquela que permitirá aperceber da invariância molecular presente nos diferentes estados (do que resulta o reconhecimento da molécula independentemente do estado). Por isso, Bion debruça-se nas particularidades das condições mentais que favorecem essa escuta, a escuta inconsciente. Na sua conceção, o par analítico deve permitir, favorecer, ou aguardar, alterações de «estado» que facilitem, pelo menos por momentos, a sua representação.

Esta representação, assumindo uma qualquer forma física, apreendida sensorialmente, apresenta-se como observável, comunicável e pensável. Desta forma, assume uma propriedade finita, delimitada, caracterizável. Sabemos hoje que contém uma outra dimensão inalcançável, potencialmente infinita, mas impossível de existir como ato — é a conceção diferenciada de inconsciente, com consequências clínicas significativas. Penso mesmo que este ponto de reflexão em particular irá ser determinante no registo evolutivo das próximas décadas, com implicações diferenciadoras.

O objeto analítico inerente às propostas de Bion passa a ser uma ferramenta metodológica fundamental, que permite a produção de material analítico e a oportunidade para o seu estudo, apresentando-se como não-empírico e não observável. Na leitura de Rudi, podemos perceber o cuidado em centrar a reflexão na evolução da

definição do «objeto psicanalítico» — a eterna questão do que falamos quando falamos de Psicanálise — e por inerência na evolução da conceção de Inconsciente e suas especificidades, mas também do método de estudo psicanalítico, das suas implicações clínicas e investigacionais, e ainda das inferências formativas, quer a nível académico, como ao nível da formação psicanalítica.

O que Bion também introduz é a ideia de que é necessário o encontro de duas mentes para pensar pensamentos disruptivos e ocorrer um certo nível de transformação. Tem implícita no processo psicanalítico a procura de outra mente para tornar possível pensar o que se sentia como impensável.

Se para Freud «Pensar» serve para se adaptar à realidade, evitando, fugindo, reduzindo a dor ou obtendo satisfação, para Bion «Pensar» serve para processar experiências emocionais: como quando vivemos algo intenso, novo e que reconhecemos como nosso, mas que desconhecíamos em nós até ao momento que antecedeu o encontro.

É todo um processo transformativo que deixa conhecer uma certa dimensão somente através da intuição, mas que não é alcançável. Pode ter uma intenção, uma sensação associada, até mesmo um sofrimento, apresentar uma relação temporal ou ser associada a um evento; mas não tem densidade, peso, forma finita, cor ou temperatura. Influencia a nossa perceção do Mundo, mas não é o Mundo que conseguimos percecionar.

As particularidades da complexa proposta da «Grelha» de Bion, com o primoroso auxílio de Rudi Vermote, são agora sabiamente associados a André Green e Antonino Ferro, ambos também profundos conhecedores da obra de Bion: com o primeiro, para melhor compreender o seu «trabalho do negativo», e com o psicanalista italiano, para apreender a «mente transformadora» na sessão analítica ou a «narratologia» que constrói inspirado em Umberto Eco.

A parte II do livro, depois da *Caesura*, debruça-se no enigmático e polémico conceito de transformação em O. Com a Teoria das transformações, Bion descreve o funcionamento interno da mente no trabalho das vivências não representadas, na descoberta de uma língua própria e na atribuição de significado pessoal. Num primeiro momento, ocorrendo no campo analítico, para depois poder ocorrer no mundo interno do sujeito. Parece que afinal toda a perspetiva de Bion sobre o processo psicanalítico terá sido sempre sobre transformações: como a mente vai lidando com factos (*β elements*) não digeridos transformando-os em pensamentos (*α elements*); a necessidade de internalizar uma relação continente-conteúdo fértil e resiliente ou ainda a capacidade de sonhar/*rêverie*. Todos estes conceitos contêm uma dimensão transformativa.

Bion salientou algo fascinante sobre a relação analítica: entre os dois (paciente e analista), parece ser possível dar à luz uma ideia. Mesmo que para ele não fosse assim tão importante estar ciente da genealogia dessa ideia em particular.

Estas especificidades têm consequências na organização interpretativa. A forma como o terapeuta consegue escutar e observar o paciente, como se apercebe que o paciente recebe a interpretação e como vivencia o instante relacional são elementos essenciais que regulam o grau de interatividade e imersão das intervenções, num jogo permanente entre o estar imerso na atenção flutuante e o regresso à superfície em contacto com outros níveis da realidade. O ato interpretativo passa a ser uma construção do processo psicanalítico.

A afirmação de que o objetivo da psicanálise mudou de «conhecer sobre O» para «se tornar O» tem implicações clínicas de alcance ainda difícil de determinar verdadeiramente. A atitude interna do analista passa a ocupar um lugar complexo de determinar, mas muito diferenciado do mero conhecimento teórico (que, porém, é também indispensável). E então que condições internas favorecem a ocorrência do T(O)? Será talvez esta a questão que Rudi terá em mente quando organiza um subcapítulo apelativo intitulado «The state of mind during the sessions — being just above sleep», onde reflete na capacidade de *rêverie* e a atitude do analista.

No final, dedica igualmente espaços diferenciados às produções menos conhecidas de Bion, em seminários, supervisões, ou somente pequenos textos algo inacabados, mas inspiradores, e que têm sido publicados no decorrer deste século.

Para concluir, somos surpreendidos com curtos, mas sensíveis, testemunhos de autores contemporâneos incontornáveis que dispensam apresentação: James Grotstein, Antonino Ferro e Howard Levine acrescentam só por si um contributo que justifica que o leitor mais familiarizado com a obra de Bion possa iniciar a leitura deste extraordinário livro no sentido inverso. Começar pelo fim: é a sugestão que deixo para desfrutar de um livro de enorme sensibilidade, cuidado e absolutamente inspirador. 🐉